

Trabalho, fundamento sagrado.

Francisco Paulo, doutorando em Educação.

Mas o que significa o trabalho? Uma mera ocupação, um emprego somente, uma relação de troca da força laboral por dinheiro? É bem mais que isso. É algo sacralizado.

É um fator essencial à dimensão cultural, existencial e ontológica do ser humano. É a base para o desenvolvimento da civilização, é meio pelo qual o homem e a sociedade alcançam níveis de convivência mais avançados e progressivos.

Fator essencial à existência do homem, tem sentido pessoal, social, holístico e religioso.

No sentido pessoal, é fundamento econômico e financeiro que forma a base para sustento próprio e da família. Representa o emprego de potencialidades, talentos, força e capacidades. Enseja equilíbrio e autodomínio ao homem e à mulher.

Sob o prisma social, pela sua produção, o indivíduo contribui para o outro, para empresas, para grupos e nações, gera interdependência com semelhantes, pois cada um usufrui do labor do outro, o que confere importância a todos e lhes aumenta capacidade gregária.

Como fundamento holístico, o ser humano estreita relações com a natureza e aprende a conviver com esta dádiva em vez de tentar dominá-la – alguns incautos tentam, em vão - aperfeiçoa o mundo para melhor preservá-lo e aproveitar seus potenciais sem exauri-lo.

Sob o aspecto religioso, homem e mulher exercitam faculdades dadas por um Ser Supremo, pois presentes no trabalho a paciência, a dedicação, a bondade e a renúncia.

Em vista dos sentidos que encerra o trabalho, as pessoas devem ter apreço e zelo pelo trabalho do outro como o faz com o seu. Nesse diapasão, por respeito ao labor alheio, o trabalhador experimenta diversos tipos de deveres.

O dever com o colega por intermédio da cortesia, da solidariedade, da superação do orgulho e da inveja, da evitação da calúnia e da maledicência, do

respeito às diferenças, da imparcialidade, da ajuda desinteressada e da sinceridade.

O dever com a organização na qual trabalha por meio do desempenho diligente, do cumprimento de acordos organizacionais, da lealdade, do empenho, do interesse pela solidez e longevidade da empresa. E mais, o que é mais, deveres com a sociedade, pelo cumprimento da finalidade social da empresa e pela contribuição para o bem comum da população presente e vindoura.

Mas as organizações não são seres inertes, pois nós a fazemos agir, lhes damos corpo e alma. Será que, como dirigentes ou empregados de uma instituição, damos condições para o outro exercitar de forma plena suas potencialidades? Contemplamos seus direitos? Respeitamos a diversidade entre pessoas e somos justos na oferta de oportunidades? São reflexões que devem inquietar nossas mentes e corações.

Temos nos preocupado com aqueles que não trabalham? Como poderemos ter um mundo melhor, se boa parte das pessoas não consegue ocupação mínima que lhes propicie os sentidos do trabalho e condições de sobrevivência?

Se de um lado o trabalho pode conferir glória à existência do semelhante, de outro, sua negação pode dramatizar sua vida. Cuidemos, pois da nossa ocupação, respeitemos o trabalho do outro e, na medida de nossas forças e solidariedade, de facilitar acesso ao trabalho para quem não o tem.